

# UM GRITO NO AR

Comunicação e Criminalização dos  
Movimentos Sociais



Organizadoras

Elen Geraldes  
Janara Sousa  
Ruth Reis  
Vanessa Negrini



Universidade de Brasília



FAC  
LIVROS

# Um grito no ar

*Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais*

---

## **Organizadoras**

Elen Cristina Geraldês | Ruth de Cássia dos Reis

Janara Kalline Leal Lopes de Sousa | Vanessa Negrini



Copyright © 2017 by FAC-UnB

**Foto Capa** Daniel Castellano (Gazeta do Povo)  
**Agradecimentos** Ângela Alves Machado  
**Diagramação** LaPCom  
**Apoio** Lizely Borges



**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – FAC-UNB**

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Via L3 Norte, s/n - Asa Norte,  
Brasília - DF, CEP: 70910-900, Telefone: (61) 3107-6627  
E-mail: fac@unb.br

**DIRETOR**  
Fernando Oliveira Paulino

**VICE-DIRETORA**  
Liziane Guazina

**CONSELHO EDITORIAL EXECUTIVO**

Dácia Ibiapina, Elen Geraldes, Fernando Oliveira Paulino, Gustavo de Castro e  
Silva, Janara Sousa, Liziane Guazina, Luiz Martins da Silva.

**CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (NACIONAL)**

César Bolaño (UFS), Cíclia Peruzzo (UMES), Danilo Rothberg (Unesp), Edgard  
Rebouças (UFES), Iluska Coutinho (UFJF), Raquel Paiva (UFRJ), Rogério Christofolletti  
(UFSC).

**CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (INTERNACIONAL)**

Delia Crovi (México), Deqiang Ji (China), Gabriel Kaplún (Uruguai), Gustavo  
Cimadevilla (Argentina), Herman Wasserman (África do Sul), Kaarle Nordestreng  
(Finlândia) e Madalena Oliveira (Portugal).

**SECRETARIA EDITORIAL**

Vanessa Negrini

Catálogo na Publicação (CIP)  
Ficha catalográfica

---

S725m

Um grito no ar – Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais /  
organizadores, Elen Cristina Geraldes... [et al.] – 1. ed. – Brasília: FAC-UnB, 2017.  
344 p.; 21,59x27,94cm.

ISBN 978-85-93078-24-8

1. Comunicação. 2. Movimentos sociais. I. Título.

---

CDD: 305.4

CDU: 305-055.2

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO PARA A FAC-UNB.  
Permitida a reprodução desde que citada a fonte e os autores.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>ALEXANDRE MARCELO BUENO.....</b>	<b>9</b>
MOVIMENTOS SOCIAIS E SEUS SIMULACROS	
<b>ANA JÚLIA RIBEIRO .....</b>	<b>26</b>
A MÍDIA QUER NOS COLOCAR PARA BAIXO	
<b>ANINHO MUCUMDRAMO IRACHANDE .....</b>	<b>30</b>
IDENTIDADE, REIVINDICAÇÕES E DIÁLOGO	
<b>BEATRIZ VARGAS RAMOS GONÇALVES DE REZENDE .....</b>	<b>34</b>
EM DEFESA DA REGULAÇÃO DA MÍDIA	
<b>BRUNELA VINCENZI.....</b>	<b>47</b>
PELAS NARRATIVAS DOS REFUGIADOS	
<b>CARLA CERQUEIRA.....</b>	<b>52</b>
MARCAS DA DITADURA EM PORTUGAL	
<b>CAROLINE KRAUS LUVIZOTTO .....</b>	<b>59</b>
LUTA ÁRDUA, PENOSA E DURADOURA	
<b>CICILIA M.KROHLING PERUZZO .....</b>	<b>65</b>
MOVIMENTOS POPULARES ENTRE A OMISSÃO, A SUPERFICIALIDADE OU A CRIMINALIZAÇÃO DA MÍDIA	
<b>CLAUDIA SANTIAGO GIANNOTTI .....</b>	<b>71</b>
SÍNDROME DO PENSAMENTO ÚNICO	
<b>DÁRIO BOSSI.....</b>	<b>76</b>
DIREITOS AMBIENTAIS SÃO DIREITOS HUMANOS	
<b>DEOLINDA CARRIZO .....</b>	<b>90</b>
A IMPORTÂNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS	
<b>EDNA CALABREZ MARTINS.....</b>	<b>94</b>
ENFRENTAMENTO DA INVISIBILIDADE DAS MULHERES	
<b>ERIKA CAMPELO.....</b>	<b>108</b>
DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS SOBRE AS MINORIAS	
<b>FRANCESCA GARGALLO.....</b>	<b>119</b>
FEMINISMO COMO AÇÃO POLÍTICA	
<b>FREI SERGIO ANTONIO GÖRGEN .....</b>	<b>134</b>

TEMOS UMA CAUSA E NELA ESTÁ A NOSSA FORÇA	
<b>GIOVANNI FELIPE ERNST FRIZZO</b> .....	<b>142</b>
VALORIZAÇÃO DA IMPRENSA CONTRA-HEGEMÔNICA	
<b>JOSÉ CARLOS DO NASCIMENTO GALIZA</b> .....	<b>150</b>
CONVENCER A SOCIEDADE DE QUE NOSSAS PAUTAS SÃO VÁLIDAS	
<b>JOSÉ VALDIR MISNEROVICZ</b> .....	<b>157</b>
VALE A PENA LUTAR E SE ORGANIZAR	
<b>KEILA SIMPSON</b> .....	<b>166</b>
CIDADANIA DAS PESSOAS TRANS	
<b>LAM MATOS</b> .....	<b>173</b>
PRESSA DE VIVER DE FORMA DIGNA	
<b>LYDIA ALPIZAR</b> .....	<b>179</b>
DEFENDER AS DEFENSORAS DOS DIREITOS HUMANOS	
<b>MÁRCIO ZONTA</b> .....	<b>193</b>
EMANCIPAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA	
<b>MARCOS WILLIAN CAMPOS DE OLIVEIRA</b> .....	<b>197</b>
QUEBRANDO A BLINDAGEM DA MÍDIA TRADICIONAL	
<b>MARIA EDUARDA DA ROCHA MOTA</b> .....	<b>206</b>
TRABALHO DE BASE E SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA	
<b>MARIA LUCIA LOPES DA SILVA</b> .....	<b>217</b>
RESISTÊNCIA AO PROJETO NEOLIBERAL	
<b>MARINA POGGI</b> .....	<b>232</b>
LA SOCIEDAD EN RED ACTUALIZA LOS MOVIMIENTOS SOCIALES E SUS LUCHAS	
<b>MIGUEL STEDILE SOLANGE ENGELMANN IRIS PACHECO</b> .....	<b>242</b>
COMUNICAÇÃO E ORGANICIDADE DO MST	
<b>MÔNICA CUNHA</b> .....	<b>259</b>
NÃO SE PODE MATAR NOSSOS FILHOS E NOS MANTER CALADAS	
<b>OMAR CERRILLO GARNICA</b> .....	<b>265</b>
ATIVISMO DIGITAL NO MÉXICO	
<b>PRISCILA GAMA</b> .....	<b>272</b>
AÇÕES AFIRMATIVAS CONTRA O RACISMO	
<b>RAFAEL FORTES</b> .....	<b>277</b>

AI DE QUEM QUEBRAR A VIDRAÇA DE UM BANCO	
<b>RENATO JANINE RIBEIRO</b> .....	<b>288</b>
A POLÍTICA PRECISA DE DIÁLOGO	
<b>ROMERO JÚNIOR VENÂNCIO SILVA</b> .....	<b>298</b>
A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ PRÓPRIA DOS TRABALHADORES	
<b>ROUSILEY CELI MOREIRA MAIA</b> .....	<b>305</b>
DESAFIOS DOS ATIVISTAS EM AMBIENTES SOCIAIS INTERCONECTADOS	
<b>TÂNIA CRISTINA CRUZ</b> .....	<b>311</b>
HOJE É MAIS DIFÍCIL DILUIR OU VIOLENTAR DIREITOS POPULARES	
<b>TÂNIA MARIA SILVEIRA</b> .....	<b>316</b>
QUALQUER GRITO NO AR É UM INCENTIVO	
<b>THIAGO APARECIDO TRINDADE</b> .....	<b>325</b>
MOMENTO DE REARTICULAÇÃO E REAGRUPAMENTO DA ESQUERDA	
<b>VAGNER FREITAS</b> .....	<b>337</b>
SER VISÍVEL É QUESTÃO CENTRAL	
<b>A CAPA</b> .....	<b>342</b>
<b>AS ORGANIZADORAS</b> .....	<b>343</b>

*“E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasce da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos”,*

*PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)*

---

*"Querem nos reconduzir ao medo. Por isso insisto que a libertação das mulheres é um processo constante, contínuo. O que alcançamos hoje será a plataforma para repensar o ontem e avançar até amanhã".*

---

**FRANCESCA GARGALLO**

## **Feminismo como ação política**

*Flora Daemon<sup>1</sup>  
Natascha Castro<sup>2</sup>  
Rafael Mondragón<sup>3</sup>*

*Escritora, caminhante e feminista autônoma. Francesca Gargallo é filósofa formada pela Universidade de Roma "La Sapienza" e busca entender o feminismo como ação política desenvolvida entre mulheres a partir de elementos próprios de cada cultura. Italiana, vive no México desde os anos setenta e foca sua atuação com especial atenção às expressões e mobilizações feministas de Nuestra América. É mestre e doutora em Estudos Latino-americanos pela Universidade Nacional Autônoma do México. Atua, na condição de pesquisadora e de mulher autônoma feminista, no desenvolvimento de redes políticas entre mulheres. Fundou a Sociedad de Estudios Culturales de Nuestra América y de Afro-América. Atuou como professora da Academia de História das Ideias da Universidade Autônoma da Cidade do México (UACM) e publicou mais de vinte livros, dentre os quais se destacam Ideas Feministas latino-americanas e Feminismos desde Abya Yala. Recebeu diversos prêmios por conta de sua atuação acadêmica e política, tais como: dois Premios Libertador al Pensamiento Crítico (Venezuela) e Premio al Pensamiento Caribeño (México). Francesca Gargallo é*

---

<sup>1</sup> Professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). É pós-doutora em Comunicação (UFF) e autora do livro "Sob o signo da infâmia" (Garamond/Faperj). Atualmente desenvolve pesquisa a respeito de mobilizações populares femininas e feministas. E-mail: floradaemon@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e jornalista formada pela UFRGS. Trabalhou na imprensa alternativa focando em reportagens sobre movimentos sociais. Desenvolve pesquisa sobre a violência do desaparecimento forçado de pessoas na América Latina. E-mail: nata.enrich@gmail.com

<sup>3</sup> Professor da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Nacional Autônoma do México. Pós-doutor em Letras (UNAM), pesquisador e colaborador de círculos de leitura, oficinas de educação popular e trabalho cultural comunitário. E-mail: mondragon.rafael@gmail.com



*considerada uma das maiores pensadoras e ativistas feministas da América Latina da contemporaneidade.*

*Qual o papel dos Movimentos Sociais na atualidade? Houve mudanças nos últimos tempos? Cite exemplos.*

Tomando em conta que a ideia mesma de movimento social é fluida e que apela ao social de diversas formas – seja como coletivo que se agrupa para difundir uma doutrina, defender uma demanda ou manifestar um desconforto, seja como conjunto de pessoas que compartilham uma cultura e interagem em seu interior com a finalidade de mudar de lugar o que percebem como fora de foco, alheio, pesado ou incômodo –, não é fácil identificar seu papel (sobretudo definir apenas um) na atualidade. Não obstante, creio que hoje se está gerando um novo movimento feminista, plural, que incorpora experiências de mulheres de povos distintos, de correntes ideológicas e ações diferentes. É um feminismo de movimento social, um feminismo que se transformou – evoluindo, mudando de lugar, diversificando-se – a partir das ações e teses do movimento de libertação feminina da década de 1960.

É claro que o movimento feminista teve desde sempre características de movimento social, apenas abandonou essa natureza quando algumas feministas com privilégios de classe, raça e educação decidiram encabeçar a institucionalização de algumas de suas demandas. Elas literalmente sequestraram o feminismo e se aliaram aos governos e financiadores de políticas públicas. Tentaram silenciar as mulheres que seguiam lutando por uma economia que tomasse em consideração os aportes dos cuidados e dos trabalhos reprodutivos, dos espaços coletivos e das produções comuns, a democratização das relações interpessoais, o fim dos papéis familiares e a estética de desapropriação; em outras palavras, tentaram invisibilizar as feministas que haviam assumido uma ação de libertação grupal.

Na década de 1990, e até o começo da década de 2010, essas feministas da Academia, as grandes ONGs e as instituições estatais para a equidade de gênero se esforçaram em institucionalizar o feminismo, em "des-movimentá-lo". Seu feminismo institucional se alinhou ao neoliberalismo, se enfocou na igualdade das mulheres e dos homens e apelou à competência no mercado. O que não pôde prever foi a violência da reação patriarcal, os assassinatos de mulheres por serem mulheres, o ódio de gênero, as desqualificações dos valores de solidariedade e as reflexões feministas sobre a sociedade em geral. Não pôde prever nem soube reagir diante das consequências da crítica e da tentativa de desativação dos valores binários, construídos pelas normas da heterossexualidade compulsória reprodutivista.

Por tanto, reativou-se um movimento social feminista que responde à indignação coletiva frente ao aumento da violência feminicida. Este movimento recupera muitos dos fios que o feminismo institucional soltou: o diálogo antirracista com as mulheres dos povos originários, com as migrantes e com as afrodescendentes, para começar. Também resgata a situação de classe das mulheres no processo de libertação. E a transformação cultural das sociedades.

Lamentavelmente se trata de um movimento feminista reativo, pois reage ao perigo que vivemos as mulheres por sermos mulheres. Protesta contra nossas limitações na liberdade de movimento, expressão, e de despertar político-social em favor dos direitos humanos e do meio ambiente. Nos aspectos positivos, o movimento incorpora as novas gerações que não cresceram com valores religiosos nem com sentimentos de culpa por não quererem ser mães, mas que também se sentem esmagadas pela "repatriarcalização" do Estado e de seus agentes, a crise educativa, a pauperização dos setores médios, a falta de trabalho e o cancelamento de alternativas. Frente aos feminicídios, este renovado movimento social feminista organizou marchas da Argentina ao México com o grito "*Ni Una Menos*". Da mesma maneira, propôs greves de mulheres. Apropriou-se de ações estéticas de confrontação com o sistema, desde batucadas feministas até grupos de grafiteiras e grupos de performances. Exigem o respeito às sexualidades não estereotipadas nem reprodutivas. Frente ao extermínio ecológico e ao assassinato dos dirigentes ambientais e dos povos originários que enfrentam os megaprojetos desenvolvimentistas, as feministas *nuestroamericanas* planejaram ações de autodefesa e economias de autoprodução e trocas.

*Como os Movimentos Sociais são noticiados pela imprensa do México? Há diferenças entre os veículos? Cite exemplos.*

A imprensa no México, ou melhor, a indústria da comunicação mexicana, esteve sempre a serviço do regime ou da ideologia de Estado vigente. Desde essa perspectiva, censura abertamente as ideias e as ações dos movimentos sociais mexicanos pela vida, contra o desaparecimento forçado de pessoas, pela paz com justiça, contra os megaprojetos devastadores do ambiente. As televisões, as cadeias de rádio e os grandes jornais nem sequer os mencionam. Ou apenas fazem referência ao impacto no trânsito da cidade provocado pelas manifestações para criar um sentimento de repúdio entre os motoristas contra as marchas dos movimentos sociais. Difundem notícias difamatórias contra a integridade moral e econômica das mães e pais de desaparecidos. Fomentam o repúdio aos diferentes, aos pobres, aos estudantes e sustentam abertamente a criminalização dos protestos. Paradoxalmente, no entanto, fazem grande alvoroço e difundem notícias sobre os movimentos sociais que enfrentam os governos progressistas na América Latina e no mundo. Por exemplo, nos últimos meses deram muita difusão à crise venezuelana e à repressão das marchas da oposição naquele país.

Contudo, no México, sempre existiram jornais e revistas, assim como poucas rádios comunitárias, que se situam como oposição democrática, aberta, contra a cultura econômica e política dos governos. Na atualidade, este tipo de imprensa é progressista. Da mesma maneira, jornalistas independentes se agrupam para informar sobre o que acontece no país. Estas agrupações de jornalistas organizam plataformas de difusão na internet e fundam jornais ou meios alternativos de comunicação. O grupo "*Periodistas de a pie*" reúne grandes investigadores e repórteres que acompanham respeitosa e atentamente as vítimas das violências que sacodem o país inteiro. São

jornalistas que trabalham para descortinar a repressão, a corrupção, o narcotráfico, o tráfico de pessoas, em particular de migrantes e mulheres. Jornalistas que contrapõem até as ideias das feministas institucionais sobre a "legalização" da prostituição.

O "jornalismo a partir de baixo" criou condições para o surgimento de meios como *Desinformémonos.org*, *Animal Político*, *Somos el medio.org*, para mencionar apenas alguns. *Desinformémonos.org* se define como "um espaço de comunicação global sem fins lucrativos, baseado na união de muitas e diferentes vontades. Um espaço que se une no esforço de meios autônomos que, afortunadamente, já existem e seguem crescendo".

*De alguma forma a imprensa do México contribui para a construção de uma imagem estereotipada dos Movimentos Sociais? Cite exemplos.*

Certamente, é inevitável que a imprensa influencie na construção da imagem coletiva do que acontece no país. Segundo a televisão e os jornais oficialistas, por exemplo, todos os atos de desaparecimentos, assassinatos e feminicídios são atribuíveis ao grande fantasma do narcotráfico. Por isso, é comum escutar das pessoas que só recebem as notícias dos telejornais ou da imprensa sensacionalista que as vítimas da violência, de alguma maneira, estão envolvidas em situações ilícitas, ou pouco claras, ou desafiantes da moral comum. Por exemplo, divulgam que as vítimas de feminicídio são mulheres que bebem cerveja, que têm uma vida sexual ativa ou que são más estudantes. Isso faz com que as pessoas se desinteressem pelo delito de que foram vítimas, deixando uma margem de manobra para os agentes que omitem a procura por justiça. A impunidade que gozam os perpetradores dos crimes está intimamente ligada à apresentação feita pela imprensa das vítimas como responsáveis pela violência a que são submetidas.

Contra os movimentos de mulheres, o rádio chegou a utilizar palavras como "feminazis"; na imprensa escrita se encontram artigos de opinião contrários às decisões das mulheres que não querem ser mães; enquanto que a televisão só focaliza mulheres com poder, para dizer que já se avançou na igualdade com o homem e um movimento feminista na atualidade é totalmente desnecessário.

Contudo, no caso dos feminicídios, o número de mulheres assassinadas e as formas sempre mais cruéis com que se levam a cabo as execuções fazem com que as pessoas busquem informar-se através dos meios alternativos sobre o que acontece. O mesmo ocorre no caso dos desaparecimentos forçados e dos assassinatos de dirigentes sindicais, ambientalistas, defensores e defensoras de direitos humanos, etc. Como Rita Laura Segato estudou no próprio México, os feminicídios são também mensagens que se lançam a toda população contra sua liberdade e seus direitos: os corpos das mulheres são veículos de propaganda do medo e da impotência social.

*Consegue identificar as vinculações políticas e ideológicas dos principais veículos de comunicação do México? Cite exemplos. Quais as consequências dessas vinculações para as reivindicações dos Movimentos Sociais?*

Qualquer pessoa que tenha um pequeno conhecimento sobre a organização da indústria da informação e do espetáculo no México sabe que as duas grandes empresas televisivas e de rádio estão ligadas aos partidos políticos que respaldam os setores industriais, extrativistas, turísticos, agroindustriais e comerciais do país. Alguns jornais, como *La Jornada*, têm interesses nos partidos de oposição e difundem, em algumas ocasiões, notícias de organizações indígenas com capacidade de autogoverno, como em Cherán e em Chiapas. Algumas revistas mantêm um perfil crítico, como *Proceso*. Não obstante, fora dos meios alternativos, é difícil encontrar um jornalismo que dê a conhecer as ações e propostas de coletivos de produção comunitária, de movimentos críticos ao sistema econômico e de busca por alternativas educativas.

A jornalista Carmen Aristegui, por exemplo, conhecida internacionalmente e respeitada no México por sua autonomia e por se negar à autocensura, reporta movimentos sociais de forma esporádica. Foi uma das poucas jornalistas que fez uma cobertura dos movimentos de autodefesa contra a delinquência em Michoacán e denunciou as ações repressivas do exército e da polícia contra comunidades rurais. Contudo, ela não é particularmente favorável aos movimentos sociais mais críticos nem difunde posições alternativas à defesa de direitos e deveres da democracia capitalista. Ainda assim, isso não a impede de dizer, com todas as letras, que o movimento de mães de desaparecidos e desaparecidas não confia nas autoridades nem que existem denúncias de um suposto financiamento ilegal das campanhas políticas do partido no governo.

*Há diferença da cobertura dos Movimentos Sociais pela imprensa do México e internacional? Cite exemplos de fatos, protestos e manifestações em que a cobertura nacional foi diferente da internacional, no sentido de criminalizar os Movimentos Sociais.*

Em geral há uma tendência de alienação da cobertura da imprensa sobre certos acontecimentos internacionais, como o risco de uma guerra nuclear, o "terrorismo" e a retórica anti-islâmica que o acompanha, as eleições nos países centrais, toda crítica a Trump, seu medo do avanço de "populismos" (entendendo com esta palavra as tendências nacionalistas de caráter não neoliberal, sejam progressistas ou xenófobas, quase comparando Maduro a Le Pen), a crítica ao "Brexit" e ao autogolpe e encaminhamento ao autoritarismo de Erdogan na Turquia.

Com relação aos movimentos sociais, no México a televisão quase não os aborda. Mencionou sim os movimentos contra a corrupção no Romênia, especialmente nos momentos em que o governo se sentiu encurralado e teve de sacrificar alguns de seus agentes quando sua corrupção foi demasiadamente evidente. Uma manobra conservadora, quase como uma reafirmação de que a

corrupção é um mal comum em todo o mundo. Igualmente tem dado muita visibilidade aos movimentos antigoverno da Venezuela, porque procura dar a entender que todo progressismo no México desembocaria na mesma situação.

Os movimentos sociais feministas foram reportados apenas pelas agências de imprensa e jornalísticas especializadas (*www.mujeresnet.info*, *CIMAC Noticias*, *Fundación Internacional de Mujeres en los Medios*, *Palabra de Antígona* de Sara Lovera, *Las Caracolas*, *Suplemento feminista de El Imparcial* de Oaxaca). Estas realizam esforços para difundir imagens mais realistas e objetivas das mulheres, trabalham temas de direitos humanos, saúde reprodutiva e experiências de vida, embora quase sempre desde a perspectiva das instituições, suas políticas de "empoderamento" e a denúncia das violências sexual, trabalhista e obstétrica. Os movimentos indígenas e ambientalistas são pouco abordados, a não ser por suplementos especializados ou meios alternativos.

Um importante trabalho de difusão das ações, ideias e conquistas dos movimentos sociais no México é realizado pela televisão por internet *Rompeviento TV*, que oferece programas semanais a grupos de jornalistas e informadores/as críticos como *Periodistas de a Pie*. Interessa-se pelos movimentos de migrantes, os movimentos de defesa dos direitos humanos, os movimentos para a aparição com vida das pessoas desaparecidas, os movimentos de ativistas em favor da paz com justiça, os movimentos em defesa da educação, os movimentos contra o *fracking*<sup>4</sup>, os movimentos em defesa das sementes nativas e contra o milho transgênico e o movimento feminista, sobretudo contra a violência de gênero.

*Qual a importância da imprensa para os Movimentos Sociais e quais as estratégias de comunicação possíveis de serem adotadas para dialogar diretamente com a sociedade? Cite exemplos.*

Os meios de difusão e formação de opinião são fundamentais para as transformações sociais que pregam os movimentos. Uma imprensa crítica que põe em jogo ideias sobre os acontecimentos e sobre as noções de Estado, sociedade, liberdades civis e alternativas econômicas, revela a liberdade de um sistema. Lamentavelmente, em um dos países mais mortíferos do mundo para o exercício da informação, a liberdade de imprensa e a formação de opinião são muito reduzidas. Segundo a *Fiscalía para la Atención de Delitos Cometidos contra la Libertad de Expresión (FEADLE)*, entre julho de 2010 e 31 de dezembro de 2016 foram registradas 798 denúncias por agressões contra jornalistas. Destas, 47 foram por assassinato. No entanto, a *FEADLE* só tem registro de três sentenças condenatórias por estes delitos: uma, no ano de 2012 e outras duas em 2016. O que significa que 99,7% das agressões contra os jornalistas no México ficaram impunes.

---

<sup>4</sup> Referência a perfurações para extração de gás ou petróleo.

Apenas para salientar estes dados que revelam quanto da situação da imprensa é um reflexo da sociedade: *SDP Noticias.com* reporta um Índice Global de Impunidade realizado pelo *Comité para la Protección de Periodistas (CPJ)*, segundo o qual, entre 2004 e 2013, México ocupou o sétimo lugar no nível mundial e o primeiro na América Latina de 13 países onde os jornalistas são assassinados e os autores intelectuais não são presos ou processados legalmente. Os primeiros seis lugares são ocupados por Iraque, Somália, Filipinas, Sri Lanka, Síria, Afeganistão, e depois o México.

Nestas condições, o diálogo imprensa-sociedade é muito difícil. No entanto, os esforços para estabelecer canais de comunicação existem. Dispersas e difusas se multiplicam as rádios comunitárias, rádios bicicleta, redes informais de informação, jornais digitais, cinema documental, folhas informativas.

*Você acredita que é possível formar espaços de diálogo com o poder sem incorrer no risco da institucionalização e/ou sequestro do feminismo?*

Eu acredito que o diálogo com o poder nunca está a salvo desse risco. Jamais. Existem poderes que são mais perigosos do que outros por conta da forma como se exercem, mas o poder sempre pode sequestrar nossas ideias para colocá-las a seu serviço. Mas, à margem disso, existem poderes com os quais necessitamos pactuar para avançar em certos aspectos. Hoje em dia, se um poder instituído se abre ao diálogo e nos propõe o que fazer para acabar com a violência contra as mulheres, eu me arriscaria a dialogar sabendo que não participaria dele, mas poderia ajudar com alguma estratégia para o *buen vivir*<sup>5</sup> das pessoas. Por exemplo, com Michel Temer eu nunca dialogaria. Com Peña Nieto, atual presidente do México, não dialogaria jamais. Mas em algumas situações como quando na Guatemala a população depôs o presidente e a vice-presidenta eu, neste momento, teria intercedido para falar sobre as possibilidades de construir um espaço onde o feminicídio seja dificultado e onde se pudesse estruturar uma prática de reeducação dos homens violentos, sem passar, necessariamente, pela aplicação de penas de encarceramento que não servem de nada.

*Não temos a força para promover mudanças em grande escala no mundo atual. Mas às vezes, podemos construir espaços que são uma interrupção de outro mundo neste mundo. O que você pensa sobre esse poder compreendido como um "poder-fazer" e*

---

<sup>5</sup> A entrevistada trabalha com a expressão-conceito de *buen vivir*. Segundo o pesquisador equatoriano Alberto Acosta (2012), "o *Buen Vivir* é parte de uma grande busca de alternativas recuperando a cosmovisão dos povos e nacionalidades autóctones. O *Buen Vivir* constitui uma categoria central da filosofia de vida das sociedades indígenas".

*a construção de uma autonomia, que também é material, e que implica, por exemplo, na construção de espaços onde se podem desenvolver projetos para o buen vivir em meio a um mundo que não o permite?*

Debati muito sobre isso com minha professora, Graciela Hierro. Há vinte e cinco anos eu não confiava no poder. Eu preferia pensar em uma força coletiva porque ela produz trabalho e senso de comunidade. Graciela me dizia que o poder é também *poder-fazer*. Esse poder não é substantivo, mas ativo. Essa força de ação é real. Há um *poder-fazer* que pode significar também poder fazer uma casa para as mulheres ou poder fazer uma rede para cura, como fizeram as mulheres mayas na Guatemala, para sobreviver ao estigma que lhes foi conferido. Durante a guerra muitas delas foram estupradas e sequestradas pelos militares que as obrigaram ao trabalho doméstico. Uma vez terminada a guerra, após serem estupradas e sequestradas, tiveram que construir uma rede para sobreviver e superar o estigma. Isso é um *poder-fazer* que mudou a relação das pessoas porque construiu diálogos e encontros. Estas mulheres não tinham liberdade para se encontrar em suas comunidades porque as perseguiram, subjugaram seus espaços, não as deixaram em paz para encontrar-se e libertar-se. Assim, elas fizeram um esforço coletivo para realizar certas coisas. Neste caso, foram algumas mulheres mayas e feministas brancas e, às vezes, mulheres brancas estrangeiras que entraram em diálogo com elas não a partir de uma situação de poder, mas desde uma perspectiva de horizontalidade.

Para mim isso é muito importante porque há um certo entendimento da decolonialidade de que se sua voz não parte dos espaços marginalizados ela é desautorizada. E eu sou contra essa visão. Isso significaria negar às mulheres a possibilidade de entrar em um diálogo horizontal, e elas são capazes de criar horizontalidades que no mundo tradicional hegemônico não existem. No caso da Guatemala, elas se uniram e conseguiram realmente curar-se.

Eu creio que este *poder-fazer* é muito importante e deve ser reconhecido. E este reconhecimento pode nascer de uma pessoa que nos diga que podemos fazer certas coisas, mas deve ser assegurado por todas ou não construiremos horizontalidade e voltaremos ao poder como domínio. Quando é horizontal o poder é realmente uma força comum. Quando, ao contrário, há uma ordem a ser obedecida, estamos diante do poder no substantivo. Porque se a horizontalidade é real não pode surgir uma líder, isso é muito importante. Uma líder é sempre alguém que acredita que tem uma força superior às demais. E a força só pode ser horizontal. Por isso é importante baixar quem queira subir como líder. Mas sem ofender, mantendo o lugar da outra no coletivo porque a outra é parte dele também. “Você não pode falar porque é branca”, “você não pode falar porque é homossexual”, “você não pode falar porque tem cinquenta anos”, “você não pode falar porque tem quinze anos”, etc. Nessas situações há uma discriminação que não constrói a força das mulheres. Ainda que, com certeza, seja necessário reconhecer todos os espaços de hegemonia e de construção. Isso é a força. Eu não posso deixar de reconhecer que ser branca me dá um privilégio. Mas eu devo lutar contra esse privilégio, devo negá-lo, devo não exercê-lo.



*A respeito dos últimos governos protagonizados por mulheres na América do Sul, como os de Dilma Rousseff, no Brasil, Cristina Kirchner, na Argentina, e Michelle Bachelet, no Chile, é possível dizer que elas atuam de forma conservadora e distante das agendas feministas?*

Certamente. Acredito que das três, a que menos se distanciou da possibilidade de um diálogo com as feministas institucionais foi Dilma. Bachelet é, pra mim, uma antifeminista, e Cristina Fernández é abertamente antifeminista. Creio que Cristina Fernández era pior do que Bachelet. Ela jamais teve realmente um grupo de diálogo no governo conformado por mulheres; sempre esteve rodeada por homens. Era uma abelha rainha. Diferentemente, Dilma fez um esforço para garantir um gabinete composto por metade homens e metade mulheres. Mesmo assim, não se atreveu, por exemplo, a encampar uma lei a favor da maternidade livre e voluntária; nunca aceitou nem o aborto nem o fim das esterilizações forçadas de mulheres indígenas da Amazônia.

*Você considera que as agendas complexas dos movimentos femininos, que carregam uma força moral muito forte como a descriminalização do aborto ou a legalização do trabalho das profissionais do sexo, fazem com que seja difícil vislumbrar uma união dos movimentos feministas como movimentos sociais?*

Eu creio que as feministas não estão divididas sobre a maternidade livre e voluntária. Não se pode ser feminista se não se está de acordo com que as mulheres possam decidir se serão mães ou não. Ou seja, não é certo que exista um feminismo anti-aborto. Existem movimentos de mulheres cristãs, católicas, muçulmanas, mas não são feministas. No entanto, eu acredito que temos um debate muito forte e muito atravessado por questões de classe e de mercado sobre a suposta liberdade que significaria para as mulheres prostituir-se. Isto é muito delicado porque todas as pessoas que defendem o direito das mulheres de prostituir-se, o direito das mulheres de trabalhar na pornografia, que dizem que as mulheres são pagas e que, portanto, aceitam voluntariamente serem maltratadas em um filme pornográfico ou em uma cena de violação real pelo dinheiro, não entendem a condição de classe das mulheres que se prostituem. Logo, estão fazendo um discurso de classe ao defender algo que não envolve a liberdade das mulheres.

As mulheres que se prostituem por si mesmas são mais personagens literários do que personagens socialmente reais. Haverá uma, duas, talvez dez mulheres no mundo que hoje possam dizer que sentem vontade de ser violadas por desconhecidos. A maioria absoluta das mulheres não entra em um jogo de prostituição com algum traço de liberdade, por exemplo, sem proxeneta e sem um círculo, são pouquíssimas. Quase a totalidade delas chega nessa situação por conta de problemas econômicos insustentáveis. Portanto, na verdade, a prostituição é a reconstrução de uma relação de dependência e escravidão sexual.



Na Espanha, quando digo estas coisas, me olham como se eu fosse a mais moralista e a mais insuportável. Não é verdade. Sexo livre e prostituição não são a mesma coisa. Eu defendo o sexo livre e a desapareição da relação de casais se for possível. Que tenhamos o número de relações que quisermos, quando quisermos e apenas se quisermos. Entretanto, o sexo livre não equivale à prostituição e ao trabalho na pornografia. O sexo livre é liberdade, a pornografia é a transformação de um ser humano em uma coisa.

*Pensando nos muitos feminismos possíveis, poderíamos dizer que há um feminismo nuestroamericano, distinto do feminismo da Europa ou dos Estados Unidos? Em que, exatamente, são diferentes?*

Eu acredito que na América Latina não há um feminismo, há múltiplos feminismos. Há feminismos desde os anos de 1940, 1950 e 1960 que apostavam a nos conhecermos como mulheres. E esses feminismos foram interrompidos brutalmente pela ONU em 1975. No México havia pessoas como Sol Arguedas, costarrriquenha, assim como antropólogas, artistas, pintoras mexicanas que estavam pensando o feminismo. Em 1971 se realizou uma marcha de quarenta mulheres que fizeram uma performance contra o dia das mães reivindicando a maternidade livre e voluntária. E tudo isso foi interrompido em 1975 quando a ONU chegou e decidiu que nós queríamos nos libertar da forma como eles definiram.

Antes disso, sem dúvidas, as mulheres feministas da América Latina planejaram muitas coisas que, depois, as estadunidenses disseram que não havíamos estudado. Já em 1967, na América Latina, Sol Arguedas afirmava que não se pode separar gênero de classe. Ou seja: todas as mulheres têm uma classe e a partir de sua condição de classe e de mulheres constroem um horizonte de libertação. Isso que hoje chamam de interseccionalidade é uma ideia latino-americana. Nunca, jamais, as pensadoras feministas latino-americanas se pensaram de maneira alheia às suas realidades.

*Você afirma que nos últimos anos o feminismo foi capturado pela institucionalização, por políticas de equidade de gênero etc. Acredita que há, também, um risco de que a captura ocorra, hoje, por uma estética dos movimentos feministas baseada na cultura do consumo?*

Desde sempre. A estética está na base de todas as nossas relações sociais. Absolutamente todas terminam inscrevendo-se como algo que nós gostamos ou não e, por isso, culminam no âmbito estético. Por esse motivo, a estética sempre foi a "publicidade de". Dizer que nós mulheres éramos feias e éramos feministas, como fizeram nos anos 60 e 70, era um jogo estético. Dizer que hoje devemos ser muito magras para demonstrar que somos saudáveis, perfeitas e capazes de

nos movermos no mundo é uma imposição estética. O fato de termos mudado a nossa voz: minhas tias, assim como minha mãe, falam de forma infinitamente mais aguda do que as mulheres de hoje. Há uma ideia de que devemos falar o mais parecido com os homens, ou não seremos levadas em consideração. Isso é uma imposição estética.

No entanto, as mulheres também tiveram contrapropostas estéticas. No que se refere à pilosidade, as mulheres que decidem não depilar-se, viver bem e enxerga-se como belas sem depilação são mulheres que promovem uma rebeldia estética frente ao sistema hegemônico. Quando já não te importa responder a uma imagem que vem de fora, aí sim você estará em franca rebeldia estética. Não é tão fácil. Às vezes nos damos conta de que estamos muito rebeldes frente a certas coisas e não a outras. Ninguém é muito linear; ninguém se liberta de uma vez por todas. Sempre estamos em *processo de*. A libertação é um caminho, não uma meta.

### *Como o movimento feminista pode atuar de uma maneira não reativa diante das violações cotidianas relacionadas à cultura do ódio e à misoginia?*

É cada dia mais difícil, mas creio que na realidade existam dois caminhos: um é o caminho do estudo sincero e o outro é o caminho da criação. E os dois devem se juntar. Ou seja, necessitamos formular uma resposta à violência que não nasça de mais violência. Isso quer dizer que nós não vamos acabar com a violência contra as mulheres, as piadas contra elas, os estupros, a pornografia agressiva que converte os corpos das mulheres em coisa, através do encarceramento. Porque na verdade apenas os pobres e aqueles que não têm apoio político ou econômico vão para a prisão; vão apenas as pessoas afrodescendentes, os membros de povos indígenas e os mestiços pobres das periferias urbanas. E não somente estes são violentos com as mulheres. A violência vem das classes mais altas e essas também devem ser reeducadas. Ou seja, precisamos criar.

### *Os protestos recentes, principalmente na Argentina, sob as palavras de ordem "Ni Una Menos", são exemplos de boa reação de mobilização social feminista?*

Essas marchas foram superimportantes porque elas surgiram na Argentina quando as mulheres descobriram que o feminicídio crescia. Hoje em dia, nesse país, acontece um feminicídio por dia, quando há três anos ocorria um a cada dez dias. No México são sete feminicídios ao dia. No Brasil ocorrem treze feminicídios diariamente. Estamos diante de uma situação de violência generalizada que vai crescendo e, além disso, é completamente normalizada. Como se nos matassem pelo fato de sermos mulheres.

Eu acredito que as respostas que se deram em cada país foram distintas: aconteceram manifestações em setenta cidades latino-americanas, algumas massivas como na Argentina em

que participaram um milhão de pessoas, e outras, como no México, onde compareceram trinta mil. A diferença é enorme. Mas no México se deu em treze cidades, não somente na capital.

Então eu acredito que esta sensação de que todas estamos fartas nos dá a ideia de que algo precisa mudar a partir desse sentimento para não nos deixarmos derrotar pelo medo. Precisamos criar algo a partir de um lugar que não seja o medo e que tenha relação com tudo: desde as brigadas de mulheres nas ruas às organizações de bairro para sua proteção, para que, se uma mulher for agredida em casa, outras cheguem arrombando a porta em sua defesa porque a polícia não o fará. E teremos que lidar com o fato de termos invadido uma residência. Sim, vamos, e o faremos. Vamos tomar em nossas mãos a segurança das demais mulheres. E ao mesmo tempo vamos exigir estudo psicológico, trabalho nas prisões, atividades nos bairros, reeducação, leitura, criação, pintura etc. É a partir da criação que vamos acabar com a violência.

*No México a representação das mulheres assassinadas se dá da mesma forma que na Argentina, por exemplo, no sentido de nomear publicamente as vítimas?*

Na Argentina sabemos que se chamava Lucía, sabemos quais eram os nomes das vítimas. Sabemos quem são as primeiras em despertar a indignação de toda sociedade. Além disso, na Argentina os homens marcharam massivamente com as mulheres, aceitando estar em um segundo lugar, sem reivindicar um lugar de proeminência. No México não. Na última marcha, dia 8 de março, um homem de esquerda bateu em uma mulher porque ela não o deixava passar com seu carro. Quer dizer, estamos frente a um machismo espantoso, inquestionado, e onde graças ao discurso de pessoas como Temer, como Trump, hoje, os machos se sentem novamente empoderados. Eles já não sentem vergonha de dizer o que dizem. Por um período muito pequeno tiveram vergonha, agora já não a tem. Você faz um discurso "x" e eles respondem que você é uma separatista dos movimentos, uma essencialista, uma exagerada. É vergonhoso como os discursos destes golpistas como Temer ou gente que chegou a uma votação de uma maneira absolutamente manipuladora como Trump, são politicamente incorretos, mas ainda assim, se empoderaram. Eles se empoderaram de imediato porque os homens lhes dão poder. Os homens hegemônicos e as mulheres hegemônicas também, que são poucas. Na verdade, é um discurso masculino. As mulheres reproduzem os discursos dos homens, não os questionam, mas não os produzem.

*Há, aqui no Brasil, e acreditamos que em outros países também, a prática de agregar aos protestos dos movimentos sociais, incluindo feministas, elementos associados à religiosidade. Como você enxerga essa forma de fazer protesto?*

Eu creio que existam expressões espirituais muito importantes e profundas das mulheres, mas há também uma grande manipulação por parte das igrejas neo-evangélicas. Temer é um homem que está no poder por um golpe neo-evangélico. Os neo-evangélicos estão em toda a América Latina. Existem comunidades em que 70% da população atual é neo-evangélica. E eles são terrivelmente conservadores, terrivelmente moralistas, terrivelmente castigadores e eu, a respeito de sua religiosidade, não acredito. Pessoalmente não. Talvez outros creiam.

*Existe algum caso de feminicídio que tenha ganhado uma repercussão que se possa comparar, por exemplo, com a repercussão nacional e internacional do desaparecimento dos 43 estudantes de Ayotzinapa em 2014?*

As mães da cidade de Juárez denunciaram os desaparecimentos e assassinatos de suas filhas em 1993. Há vinte e quatro anos que no México se denuncia política e culturalmente a violência contra as mulheres. Em determinado momento as denúncias dos feminicídios tiveram visibilidade. Jane Fonda chegou até a fronteira entre o México e os Estados Unidos e disse que como ela era branca, se lhe acontecesse alguma coisa a polícia a procuraria, enquanto que as mulheres pobres ninguém busca. Em determinado momento houve repercussão, mas algo semelhante a um movimento de pais buscando estudantes homens nunca existiu. Não há uma indignação semelhante porque as mulheres seguem sendo pessoas de segunda categoria.

*A atuação nos movimentos sociais passa por especificidades geracionais e confrontos com ressentimentos e a necessidade de encontrar formas de elaborar a dor diante do medo e das injustiças. Nos espaços femininos de militância se tem discutido muito a questão da dor causada pela impunidade a partir da visibilidade das denúncias de feminicídio. Como podemos trabalhar a frustração nos movimentos sociais?*

O que fazer para trabalhar o medo? Nos mandam todos os dias mensagens que incutem medo. Se você se rebela, se começa a se sentir um pouco melhor, imediatamente mandam pra você coisas piores. Fazem com que chegue até você formas de pornografia que passam pela tortura e a desestabilização dos corpos das mulheres. No México, por exemplo, foi muito forte o dia 10 de maio, o dia das mães. Nesta data mataram a mãe de uma mulher desaparecida que tinha encontrado o cadáver de sua filha em uma fossa comum. É essa mulher, um exemplo para todas as mexicanas, que mataram no dia das mães. É muito claro que querem nos reconduzir ao medo todos os dias. E se ficarmos no medo individual simplesmente enlouquecemos. Não podemos ser nada, nos paralisamos. Então eu não sei o que devemos fazer. Como reconstruímos estes sentimentos? Talvez o melhor fosse tendo um medo coletivo tão forte que tenhamos de sair dele

à força. Por isso eu insisto que a libertação das mulheres é um processo constante, contínuo. O que alcançamos hoje vai ser a plataforma para repensar o de ontem e avançar até amanhã.

*A ideia de um movimento social é a de um espaço de reeducação coletiva a partir do qual construímos um saber. Você tem se dedicado a recolher saberes e colocá-los em diálogo. Quais os vínculos entre este poder-fazer que você chama de força comum e a construção de espaços de reeducação coletiva ou de construção de saber?*

Faz muitos anos Margarita Pisano, feminista chilena, falava sobre a importância da rebeldia. Há trinta anos ela dizia que a rebeldia é muito mais importante do que a revolução. E agora estou encontrando jovens feministas de toda América Latina que se reúnem fora das universidades para pensar a rebeldia como um elemento comum da cultura das mulheres. É a rebeldia das mulheres que manifesta a não conformidade com o mundo do poder hegemônico. É muito interessante ver isso acontecendo hoje porque Margarita organizava oficinas com mulheres de classes sociais distintas. É verdade que algumas não iam porque as classes mais altas não querem dialogar com as classes populares, mas Margarita sempre tentava fazer com que as oficinas fossem misturadas. E agora eu encontro essas mulheres universitárias que trabalham a rebeldia em seminários horizontais a partir de diferentes disciplinas. Desde a medicina, a literatura, os estudos culturais, etc.

Precisamos pôr em jogo os nossos saberes. Eu leio muito os trabalhos sobre reeducação que Rita Segato produziu nas prisões masculinas. Também me encontro com um grupo de companheiros chamado *La Lleca* que trabalha na prisão da Cidade do México. Ambos chegam às mesmas conclusões: as pessoas não têm consciência de que a violência contra as mulheres é um delito. Porque é algo tão normalizado que é necessário que tomem consciência de que não podem fazer o que fazem. Mas muitas vezes os homens são presos sem entender o porquê ou sabendo que cometeram um delito, mas sem entender qual o nível de delito nem como ele os afeta. O trabalho, tanto do grupo *La Lleca*, como o de Rita Segato, é de uma reeducação a partir de uma conscientização. Todos os encarcerados passam a repensar suas condições.

*Com relação a universidade e as intelectuais feministas, você acha que existe um papel específico para estas mulheres desempenharem? Ou o caminho é sair desses lugares protegidos e estar nas ruas com as outras mulheres fazendo um feminismo que não seja apenas da esfera do pensamento?*

Eu acredito que hoje as acadêmicas e as estudantes retornaram às ruas. Principalmente as estudantes. Existiu uma geração de universitárias que tentou hegemonizar o feminismo e foi o

pior momento para o movimento. Pior porque era esquemático, decretava linhas, dizia o que deveria ser feito, dizia quem era feminista e quem não era. Hoje as pessoas estão nas ruas. Os movimentos de jovens, muito jovens, estão novamente forjando pequenos grupos de encontros nas ruas como nos anos 1960. A partir das ruas é que estes grupos vão para as universidades. Houve um tempo que isso não existiu e nos anos 1990 a tendência dessa movimentação era de desaparecer.

### *Considerações finais*

O Brasil tem como referencial político e cultural histórico os Estados Unidos e a Europa, quase que exclusivamente. Sempre estivemos, em muitos sentidos, de costas para a América Latina. Você acha que o feminismo é capaz de romper essas fronteiras culturais?

O feminismo é um movimento internacional e internacionalista. Certamente ele pretende romper com isso. E o que ele precisa é ser cada vez mais plural e aceitar as diferenças. Não reduzir-se. Quanto mais diferenças puder incorporar e trabalhar em conjunto, quanto menos fechado estiver, mais poderá trabalhar a realidade das mulheres. E claro que não há apenas um feminismo, não podemos falar de *um* feminismo, mas dos movimentos de mulheres, das rebeldias das mulheres, assim no plural.

E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos,

**PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)**



Universidade de Brasília

